



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

JEFFERSON SILVA DE SANTANA

**O NIILISMO EM OS *IRMÃOS KARAMÁZOV* DE DOSTOIÉVSKI: UM ESTUDO À
LUZ DO ANTAGONISMO ENTRE BEM E MAL**

CAMPINA GRANDE / PB

2019

JEFFERSON SILVA DE SANTANA

**O NILISMO EM OS *IRMÃOS KARAMÁZOV* DE DOSTOIÉVSKI: UM ESTUDO À
LUZ DO ANTAGONISMO ENTRE BEM E MAL**

Trabalho de conclusão de curso (artigo) apresentado a/ao coordenação e ao departamento do curso de filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia da Literatura

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães

CAMPINA GRANDE PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S232n Santana, Jefferson Silva de.
O niilismo em Os Irmãos Karamázov de Dostoiévski
[manuscrito] : um estudo à luz do antagonismo entre bem e
mal / Jefferson Silva de Santana. - 2019.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação , 2021.
"Orientação : Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães ,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Filosofia. 2. Niilismo. 3. Existência. 4. Deus. I. Título
21. ed. CDD 149.8

JEFFERSON SILVA DE SANTANA

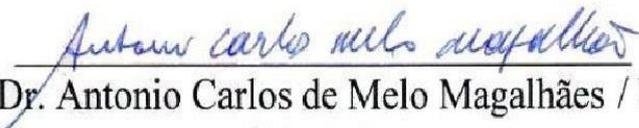
O NIILISMO EM OS *IRMÃOS KARAMÁZOV* DE DOSTOIÉVSKI: UM ESTUDO À
LUZ DO ANTAGONISMO ENTRE BEM E MAL

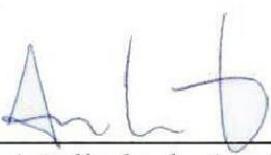
Trabalho de conclusão de curso (artigo)
apresentado a/ao coordenação e ao
departamento do curso de filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial para obtenção do título de
licenciado em Filosofia.

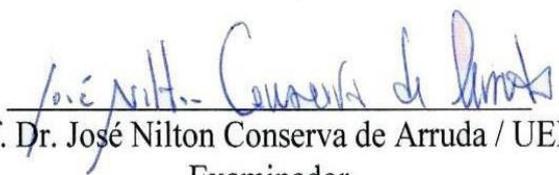
Área de concentração: Filosofia da
literatura

Aprovada em: 03 / 12 / 2019

Banca examinadora


Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Examinador

“Não amem o mundo nem o que nele há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele” (1Jó 2:15)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	NILISMO	8
3	OS IRMÃOS KARAMÁZOV, A OBRA	12
3.1	A revolta.....	14
3.2	O grande inquisidor	16
4	PARRICÍDEO	18
5	CONCLUSÃO	19
	REFERÊNCIAS	21

O NIILISMO EM OS *IRMÃOS KARAMÁZOV* DE DOSTOIÉVSKI: UM ESTUDO À LUZ DO ANTAGONISMO ENTRE BEM E MAL

Jefferson Silva de Santana¹

RESUMO

Ao pronunciar a palavra Niilismo, é quase que normal, ou até mesmo automático ligá-la a Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), filósofo que tanto trabalhou tal termo como troca de uma vida terrena, ordinária, por outra incerta, pós-morte, ou simplesmente crer no nada. A proposta deste artigo é mostrar à luz de *Os irmãos Karamázov*, como Dostoiévski (1821-1881) precede esse assunto de maneira espetacular. Um tema recorrente em algumas de suas obras, sendo algo que de certa maneira fazia parte da sua vida, ele, um “temente” a Deus, mas totalmente contrário à Igreja enquanto instituição. Contrapondo o ateísmo de Ivan Karamázov à fé cristã constantemente renovada de seu irmão Aliócha, os leitores deleitam-se em espetaculares monólogos que nos levam a reflexões que permeiam a humanidade desde os seus primeiros dias, como a existência ou não de uma ou mais divindades, e como seria o mundo sem um deus.

Palavras-Chave: Dostoiévski. Nietzsche. Niilismo

ABSTRACT

At the same time, Nihilism, Friedrich Nietzsche, Friedrich Nietzsche (1844- 1900), philosopher who had already worked as a term of exchange from an ordinary, earthly life, to another uncertain, postmortem, or simply to believe in nothingness. A part of this article is presented in the light The Karamazov brothers, as Dostoevsky (1821-1881) precedes this spectacular subject. A recurring theme in some of his works, something that was in some way part of his life, he is "fearful" to God, but is totally contrary to the Church as an institution. Opposing the atheism of Ivan Karamazov and the constantly renewed Christian faith of his brother Aliócha, readers delight in spectacular monologues that lead us to a reflection that permeates humanity from its earliest days, as an existence or not one more deities, and what would be the world without a god.

Keywords: Dostoevsky. Nietzsche. Nihilism

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: jefferson5684@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Em 1862 Dostoiévski escreve o prefácio à tradução em russo de *Notre Dame de Paris* de Victor Hugo (1802–1885), fascinado com todo aquele detalhamento histórico, cultural, etc., da França daquela época, Dostoiévski coloca como objetivo escrever algo que honrasse não só a riqueza de detalhes com que Victor Hugo escrevera seu livro, mas principalmente a Rússia que ele tanto amava.

Homem de vida conturbada desde seus primeiros dias, cristão, mas totalmente descrente da Igreja enquanto instituição, Dostoiévski era acometido de ataques epiléticos de sua infância até à vida adulta, ataques esses interpretados por ele como uma espécie de conexão entre ele e o divino, assim, Dostoiévski transfere essa característica para um dos personagens centrais em *Os irmãos Karamázov*. Smierdiakov tem em si traços Dostoiévskianos, assim como cada personagem não só da obra tratada aqui, mas de todo o seu arcabouço literário. Aliás, a ideia de personagens com traços dostoiévskianos ou pelo menos dar voz a diversos tipos de questionamentos filosóficos e emissários destes era em si uma característica de Dostoiévski. Aquilo que Bakhtin classifica como romance polifônico se torna uma categoria literária que se origina nos textos do romancista russo.

A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski” (BAKHTIN, 2002. p. 4).

Mesmo discordando de certas opiniões, Dostoiévski não abria mão de permitir que elas fossem expressadas, o problema nesse momento e também uma crítica feita a essa forma de escrita seria como os pensamentos eram organizados. Dessa forma não existiria nada feito de maneira sistemática, mas apenas um constante conflito de ideias antagônicas, o que não seria o bastante para caracterizar uma filosofia. Neste momento outro problema se faria presente: o que realmente é filosofia? Afinal Nietzsche constrói seu pensamento sem o mínimo de sistematicidade, apenas pensamentos filosóficos misturados em diversas obras sem uma especificidade. Apresentar um Dostoiévski filósofo e fazer uma defesa dele enquanto tal seria, de certa forma, um dos grandes desafios deste trabalho, mas de forma secundária, tendo em vista o niilismo como principal foco de estudo.

(...) Dostoiévski claramente escrevia para a opinião pública, escrevia para que seus livros fossem impressos e para que o maior número de possível de pessoas os lesse, até porque precisava muito do dinheiro para o seu trabalho. A ficção artística e quase humorística da solidão total e da distância em relação a literatura é útil como justificativa para o cinismo radical da entrega psicológica. A ficção na ficção, por sua vez, aquele ato de aparentemente se voltar para o leitor, o constante falatório de determinados “cavalheiros” com que o falante discute, também é muito proveitoso, pois traz para o discurso o elemento do discursivo, do dialético e do dramático em que Dostoiévski sente-se totalmente em casa e que torna altamente divertidas mesmo as coisas mais sérias, más e repulsivas. (MANN, O Escritor e sua missão, 2011, p.90)

Ao identificar a obra a ser analisada, a primeira questão que se faz presente é a justificativa do porque de ter escolhido determinado livro e não outro. É sabido que a temática do niilismo perpassa a obra de Dostoiévski do começo ao fim, ele era o

autor do niilismo, tema tão caro a sua época.

Ainda desconhecido, Dostoiévski escreve seu primeiro romance *Pobre Gente* e é aclamado pela crítica russa, principalmente por Vissarión Grigórievitch Bielínski, que liderava o alto escalão de intelectuais russos na época. Bielinski imediatamente insere Dostoiévski no seu meio onde ele pode passar um certo tempo, mas por divergências pessoais acaba se afastando e entrando, mesmo que por pouco tempo no círculo Bekétov, e finalmente ele entra naquele grupo que definiria o seu futuro para sempre, o círculo de Petrachévski, neste último a finalidade seria político/social com viés socialista e de certa forma contra o czar, o que ocasiona na Rússia um barulho que ressoa no próprio czar Nicolau I, que, ao descobrir a existência do grupo, insere entre eles infiltrados que posteriormente os acusariam de motim e condenariam o próprio Dostoiévski à morte em praça pública junto a seus companheiros, onde posteriormente aconteceria a farsa que seria fundamental para o futuro de Dostoiévski enquanto escritor.

Na praça Semenóvski, o grupo foi levado a crer que seria executado quando, no último momento, lhes foi comunicado o perdão concedido pelo czar. Seguiu-se à farsa da execução um período de reclusão no presídio de Omsk na Sibéria, de onde sairia apenas em 1854, servindo ainda por um determinado período como soldado no exílio. Dostoiévski só retornaria a São Petersburgo e retomaria a sua carreira literária em 1859. É a partir desse período que começa a época da criação de seus grandes clássicos: Memórias do subsolo (1864), Crime e castigo (1866), O idiota (1868), Os demônios (1870) e Os irmãos Karamazóvi (1879). (Wu,2008, política e niilismo na obra de Dostoiévski)

Os tempos de exílio na Sibéria foram fundamentais não só para Dostoiévski enquanto pessoa, mas tão essencial quanto para o escritor, que através dessa experiência pode criar os seus maiores romances, chamados pela crítica de pós-siberianos, não por acaso, mas pelo fato da Sibéria ter essa função de destaque na vida do autor.

Os aspectos biográficos influenciam na escolha da obra que se deu a partir do momento como a própria obra se encaixa perfeitamente, junto ao tema, enquanto telos de um homem niilista em vida e escritos. Optar por *Os Irmãos Karamázov* é por em prática a refutação da ideia de imparcialidade. Gadamer para por em relevo tal conceito, tão exaltado até os nossos dias, vai nos propor a ideia de atraso ou de se chegar atrasado, do alemão spät presente em *Verdade e Método*, sua principal obra, e neste momento coloco o próprio Dostoiévski em questão. Chegar atrasado não diz respeito ao tempo, pelo contrário, para se tornar o Dostoiévski escritor niilista, ele teve que ler determinados livros e não outros, nascer em determinada família e não em outra, nascer na Rússia do século XVIII e não em outro país, por fim, o atraso é o resultado por ter percorrido toda essa linearidade subjetiva de conhecimento histórico que culminou naquele homem, objetificação de alguém que não poderia ser outro. Consequentemente os *Irmãos Karamázov*, última obra do autor que sintetiza o niilismo enquanto filosofia, existência e modo pelo qual ele enxergava o mundo.

Colocar em cheque a fé constantemente testada de Aliócha em contraste ao ateísmo brutal de Ivan é demonstrar que só se chega a Deus através daquilo que os especialistas no autor russo chamam de

teodicéia da dor. Um niilismo intenso que recompensaria o indivíduo ali sujeitado à eternidade. É compreensível questionar-se ao longo da narrativa que crer representaria um ato de loucura, pelo contrário, veja como termina Ivan e como

termina Aliócha. Um perturbado pelas questões existências e de fé acerca de Deus, e o outro feliz entre as criancinhas. Neste sentido, o ato de negação desta vida assim como é, representa a própria racionalidade recompensadora enquanto o outro lado da moeda é simplesmente consequência de uma vida fora da afirmação do transcendente, a morte dentro da eternidade.

Em *Os irmãos Karamázov*, a luz angelica e obscuridade demoníaca lutam entre si dos modos mais liderosos no interior da alma dos quatro irmãos, sem tipificar-se, de modo exclusivo, em nenhum deles. Até o seráfico Aliócha traz em si tendências dos Karamázov e luta continuamente contra as más tentações às quais, malgrado ele mesmo, está exposto; também o tenebroso Smierdiakov, o assassino do velho pai, tem momentos de contemplação e de meditação sobre o mistério do mundo. Entre essas duas figuras, que representam a dramática polaridade do grande romance, estão, por um lado, Ivan, que crê em Deus, mas nega a criação, tem a visão do demônio e converte a religiosidade em ateísmo e loucura, e, por outro lado, Dmitri, que é muito pecador, mas crê em Deus e no bem, e muda o desregramento em salvação, sabendo transformar o pecado em dor e aceitando a expiação de uma culpa não cometida, porém desejada. (PAREYSON, 2012, *Dostoiévski Filosofia, Romance e Experiência Religiosa*, p.35)

Por fim, *Os Irmãos Karamázov* não é apenas uma obra como as outras a tratardo niilismo, mas a obra perfeita para se entender o ápice desse acontecimento histórico com dimensões extremamente filosóficas dentro do arcabouço de um escritor que acima de qualquer outro estava impregnado do conceito e por consequência transferiu tudo para a sua maior obra. Dostoiévski leu o mundo e sua realidade como poucos, sem romantismo, mas como tragédia, a partir de uma perspectiva completamente filosófica, tendo em vista o real enquanto acontecimento, o mal enquanto problema inerente à condição humana.

A experiência fundamental e decisiva de Dostoiévski é a constatação da realidade do mal: não sem motivo foi dito que Dostoiévski é “obsessionado” pela presença do mal no mundo. Contra o fácil otimismo idealista e positivista do Oitocentos, para o qual o mal é apenas um elemento dialético destinado à superação ou um episódio passageiro do triunfal progresso da humanidade, ele recorda que a realidade do mal e da dor, do pecado e do sofrimento, da culpa e da pena, do crime e do castigo, é uma realidade por demais efetiva e iniludível, que confere a condição do homem um caráter eminentemente trágico. Não é preciso pensar que o mundo do homem está ordenado na harmonia e dominado pela razão, e, portanto, determinado pelo bem e predestinado ao progresso. Contra o otimismo do homem naturalmente bom, pleno de inclinações generosas e benévolas, pronto à realização dos ideais “nobres e sublimes”, marcado pela ideia “schilleriana” da “alma bela”, inspirado pela concepção do humanitarismo filantrópico, Dostoiévski investiga o “homem do subsolo”, mau, cruel, perverso, irracional. (PAREYSON, 2012, *Dostoiévski Filosofia, Romance e Experiência Religiosa*, p.41)

2 NIILISMO

Dostoiévski se encaixaria perfeitamente como um pensador do niilismo e da filosofia. A ponte se deu de maneira mais adequada e linear com Nietzsche, pensador fortemente influenciado pelos romances do grande russo.

Tratar de niilismo e citar o nome de Nietzsche se torna algo totalmente inevitável, partindo do princípio que foi ele quem mais discutiu o conceito em sua

obra e época, tornando-se o filósofo mais importante da temática. O ponto principal é que Nietzsche leu Dostoiévski e cita o autor em cartas nominalmente como alguém que teria, de certa forma, abrido seus olhos para a existência. A alegria que Nietzsche sente ao se deparar com Dostoiévski é intensa, pois havia encontrado um escritor com “sangue nas veias”. Em carta ao seu amigo Franz Overbeck, Nietzsche descreve a descoberta de Dostoiévski da seguinte maneira.

De Dostoiévski eu não sabia, até poucas semanas, nem sequer o nome – eu, um homem sem instrução, que não lê nenhum “jornal”! Uma visita casual a uma livraria me colocou diante dos olhos o livro *L’esprit souterrain* em uma tradução francesa (tão casual quanto me ocorreu aos 21 anos de idade com Schopenhauer e aos 35 com Stendhal!). O instinto de parentesco (ou como poderia eu chamá-lo?) falou de imediato, minha alegria foi extraordinária: eu devo retroceder até meu contato com O vermelho e o negro de Stendhal, para me recordar de semelhante alegria (NIETZSCHE, 1887, p. 27)

Neste sentido, fica nítido a influência de um na obra do outro. Torna-se obvio saber que o que um escreveu repercutiu no pensamento do outro. Mesmo sem ter nenhuma espécie de contato, Nietzsche e Dostoiévski são dois lados de uma mesma moeda no que diz respeito ao niilismo, seja em aproximações ou antagonismos.

“Criminoso” – repito a palavra, a fim de caracterizar o parentesco psicológico dos casos Nietzsche e Dostoiévski. Não foi por acaso que o primeiro se sentiu tão poderosamente atraído pelo segundo, a quem chamou seu “grande mestre”. O excesso, a erupção ébria do conhecimento, aliados a um moralismo religioso, quer dizer, satânico, que em Nietzsche se chamou de antimoralismo, são comuns aos dois. Nietzsche não deve ter conhecido o sentimento de culpa místico do epilético, do qual falamos. Um de seus aforismos – que nesse momento não consigo localizar, mas do qual me lembro com certeza – revela que seu sentimento pessoal de vida o familiarizou com o do criminoso. Ali ele diz que toda segregação e alienação do que é aceito no mundo burguês, toda independência intelectual e falta de respeito são afins à forma de existência do criminoso, permitindo o acesso a ela por meio da empatia. Acho que podemos ir ainda mais longe e dizer que, de modo geral, toda originalidade criadora, toda condição de artista de forma mais ampla o faz. Foi o pintor e escultor francês Degas quem afirmou que um artista deve se aproximar de sua obra como um criminoso executa o seu ato. (MANN, O Escritor e sua missão, 2011, p.83)

É bastante interessante analisar as aproximações entre Nietzsche e Dostoiévski a partir da perspectiva apresentada por Thomas Mann, a do criminoso, de certa forma a ambos é dada a condição de marginal, principalmente à Nietzsche. Dostoiévski ainda conseguiu colher os louros de sua escrita, de certa forma, em vida, sendo reconhecido enquanto grande por grandes intelectuais de sua época. Mas as proximidades não se dão apenas no âmbito da escrita, mas essencialmente naquilo que escreveram, as temáticas similares, mesmo sem nunca terem debatido acerca delas pessoalmente.

Provavelmente o conceito nietzschiano de “eterno retorno”, ao qual atribui um peso tão tremendo, é produto da euforia, intelectualmente pouco controlado e nem mesmo de sua lavra, antes uma reminiscência. Merejkovski fez notar que a ideia de um “super-homem” já aparecia em Dostoiévski, mais especificamente nas falas do já mencionado epilético Kirilov em *Os Demônios*. “Então surgirá um novo homem”, diz o visionário

niilista de Dostoiévski, “e tudo se renovará. A história se partirá em dois capítulos: do símio até a destruição de Deus, da destruição de Deus até a transformação física da terra e do homem” – ou seja, até a aparição do homem-deus, do super-homem. Mas me parece ter passado despercebido que também a ideia do eterno retorno pode ser encontrada em Dostoiévski, nos Irmãos Karamázov, na conversa de Ivan com o diabo.”Sim, sempre pensas na nossa terra atual”, diz o diabo. “Mas a nossa terra atual se repetiu talvez trilhões de vezes, bem, agora se tornou velha, gelou, partiu-se em dois pedaços, dissolveu-se em seus elementos, a água voltou a aparecer por cima do sólido, novamente o cometa, novamente o sol, novamente do sol à terra – essa evolução se repete infinitamente, e tudo da mesma maneira, até o menor aspecto... que tédio mais obscuro!”. Pela boca do diabo, Dostoiévski qualifica de “tédio mais obscuro” aquilo que Nietzsche bendiz com afirmação dionisíaca e pronunciando ainda o seu “eu te amo, ó eternidade!”. Mas a ideia é a mesma, e enquanto no caso do super-homem eu acredito numa coincidência de fraternidade de espírito, estou inclinado a considerar o “eterno retorno” um fruto das leituras, uma lembrança inconsciente de Dostoiévski tingida de euforia. (MANN, O Escritor e sua missão, 2011, p.84)

Neste sentido, o questionamento levantado por Mann se apresenta enquanto uma forma de enxergar as proximidades entre os dois pensadores, sem afirmações, como ele próprio destaca mais adiante, mas apenas uma problematização daquilo que está disposto à análise.

Niilismo, do latim Nihil, que significa nada. Para Nietzsche, niilista é aquele que pauta sua vida por valores, ideais, ou seja, é aquele que nega a vida assim como ela é em detrimento de questões superiores.

Assim é o religioso, principalmente o cristão, alvo de tantas críticas por parte de Nietzsche, pois ele (o cristão/religioso) tende a depositar todas as suas perspectivas de melhoras do status quo na vida pós-morte, finais escatológicos da humanidade, Deus, etc. “Não amem o mundo nem o que nele há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele” (1Jó 2:15)

Anterior a Nietzsche, e até mesmo a Dostoiévski, no que diz respeito à temática niilista, Ivan Turguéniiev (1818-1883), em sua obra mais conhecida *Pais e filhos*, nos dá a primeira definição escrita do assunto.

-- Niilista – disse Nicolau Pietróvitch – vem do latim, nihil, e significa “nada”, segundo eu sei. Quer dizer que essa palavra se refere ao homem que... em nada crê ou nada reconhece?

-- Pode dizer: o homem que nada respeita – explicou Páviel Pietróvitch, voltando novamente sua atenção para a manteiga.

--Aquele que tudo examina do ponto de vista crítico – sugeriu Arcádio. (TURGUÉNIEV, Pais e Filhos, 1971, p.32)

A partir da concepção nietzschiana de niilismo, Gilles Deleuze (1925- 1995) ao ler sua obra divide a temática em mais dois outros tipos de niilismo. Nietzsche já nos apresenta nominalmente o Niilismo ativo, que é a afirmação do eterno retorno, e Niilismo passivo, que acontece quando se nega todo e qualquer progresso. Deleuze acrescenta a ideia de niilismo reativo que acontece quando você reage a Deus tirando-o de seu “trono” e em seu lugar colocando a ciência, por exemplo, acontecimento esse que marcou a época em que Nietzsche viveu, o século XIX, e até bem antes disso, quando a ciência está em ascensão e as pessoas passam a deixar em segundo plano a fé no metafísico, e isso gera uma das mais famosas

expressões de Nietzsche, amorte de Deus.

“ ‘E o que faz o santo na floresta?’ , perguntou Zaratustra.

Respondeu o santo: ‘Eu faço canções e as canto, e, quando faço canções, rio, choro e sussurro: assim louvo a Deus.

Cantando, chorando, rindo e sussurrando eu louvo ao deus que é meu Deus. Mas o que trazes de presente?’

Ao ouvir essas palavras, Zaratustra saudou o santo e falou: ‘Que poderia eu vos dar? Deixai-me partir, para que nada vos tire!’ – E assim se despediram um do outro, o idoso e o homem, rindo como riem dois meninos.

Mas, quando Zaratustra se achou só, assim falou para seu coração: ‘Como será possível? Este velho santo, na sua floresta, não soube que Deus está morto!’(NIETZSCHE, Assim falou Zaratustra, 1885, p. 13)

Nihilismo passivo é aquele em que se nega toda e qualquer esperança, ou seja, o niilista passivo nega o progresso e afirma a vida assim como ele acha que é, e portando se conforma com a vida que tem por ter a certeza que ela é assim e sempre será assim.

“ – e vi descer sobre os homens uma grande tristeza. Os melhores entre eles se cansaram de suas obras.

Uma doutrina surgiu, acompanhada de uma fé: ‘Tudo é vazio, tudo é igual, tudo foi!’(NIETZSCHE, Assim falou Zaratustra , 1885, p. 127)

Por fim, nihilismo ativo, que seria o do indivíduo que afirma o “eterno retorno”, aquele que aceita a vida sem recompensas pós-morte, deuses, finais escatológicos da humanidade, sabendo que apesar de a vida ser uma conjuntura de dor e sofrimento (herança schopenhauriana em Nietzsche), o homem tem a capacidade de subverter, adaptar, e assim viver tão intensamente que se fosse proposto ao niilista ativo viver sua vida infinitas vezes, ele tão alegremente aceitaria de braços abertos aquela proposta.

"E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: "Esta vida, assim como tu vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes: e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indivisivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e sequência - e do mesmo modo esta aranha e este luar entre as árvores, e do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez, e tu com ela, poeirinha da poeira!". Não te lançarias ao chão e rangerias os dentes e amaldiçoarias o demônio que te falasses assim? Ou viveste alguma vez um instante descomunal, em que lhe responderias: "Tu és um deus e nunca ouvi nada mais divino!" Se esse pensamento adquirisse poder sobre ti, assim como tu és, ele te transformaria e talvez te triturasse: a pergunta diante de tudo e de cada coisa: "Quero isto ainda uma vez e inúmeras vezes?" pesaria como o mais pesado dos pesos sobre o teu agir! Ou, então, como terias de ficar de bem contigo e mesmo com a vida, para não desejar nada mais do que essa última, eterna confirmação e chancela?" (NIETZSCHE, A Gaia Ciência, 1882, p. 201)

Neste momento um ponto de ruptura se faz presente, pois a resposta dada por Dostoiévski ao niilismo é o amor. É dizer que na negação, no nada absoluto, a única forma de transcender é amar, e isso é o que faz Aliócha, personagem pelo qual o escritor tinha um apreço especial. Também é contradizer a razão dando a esta alternativa de não ser a única detentora da verdade.

É importante que fique claro que a resposta de Dostoiévski para o niilismo, para o ceticismo, é sempre o amor. É como se a resposta a aporia essencial, a aporia do conhecimento, que é o ceticismo, a dúvida constante, na sua obra, só fosse encontrada no amor. Dizer que só há saída para o ceticismo no amor é dar uma resposta que, obviamente, no plano do intelecto, não tem sustentação. Mas para Dostoiévski é fundamental, porque representa que a solução para o problema humano não está no eixo da razão. Mística ortodoxa: theósis. (Pondé, 2013, Crítica e Profecia a filosofia da Religião em Dostoiévski)

O raciocínio de Dostoiévski parte do homem sendo feito imagem e semelhança de seu criador, logo, se Deus é livre o homem também o é. O problema é que sendo o homem um ser da natureza e jogado nele à sua própria sorte, esta liberdade se degenera através da tomada de consciência que ele tem por meio de suas próprias impossibilidades.

Não somos realmente livres, pois temos uma série de constrangimentos sociais, de convívio, uma série de constrangimentos naturais, a fisiologia do corpo, a lei da gravidade, e uma série de constrangimentos psicológicos ou interiores – Dostoiévski entende por constrangimentos psicológicos, antes de tudo, os efeitos do pecado sobre o ser humano. É o homem moderno, por acreditar que um dia a ciência vai descrevê-lo, tem uma série de constrangimentos a mais que o homem pré-moderno: a busca de convencer a si mesmo de que é um ser determinado, um ser que vai descobrir a chave de sua autocompreensão, ou seja, um ser em busca de suas causas naturais. Dostoiévski encara essa paixão da modernidade pelo determinismo como uma marca da radicalização da condição de pecador: uma segunda queda. Por trás disso está o fato de que o homem moderno acredita demais na razão, nas próprias ideias. (Pondé, 2013, Crítica e Profecia a filosofia da Religião em Dostoiévski)

3 OS IRMÃOS KARAMÁZOV, A OBRA.

Em 1862 Dostoiévski escreve o prefácio à tradução em russo de Notre Dame de Paris de Victor Hugo (1802–1885), fascinado com todo aquele detalhamento histórico, cultural, etc, da França daquela época, Dostoiévski coloca como objetivo escrever algo que honrasse não só a riqueza de detalhes com que Victor Hugo escrevera seu livro, mas principalmente a Rússia que ele tanto amava.

Entender Os Irmãos Karamázov como o ápice da temática niilista em Dostoiévski se torna ponto chave em uma cadeia de outros assuntos de tamanha importância tratados não só nessa obra, como em boa parte dos livros do escritor russo. A morte de Deus enquanto característica do niilismo é algo que Dostoiévski de certa forma antecipa ao pensamento de Nietzsche, filósofo que tanto o admirava.

(...) Não à toa que a morte de Deus seja um tema tão familiar ao frequentador de Dostoiévski — uma vez que se apresenta como o grande responsável por animar toda sorte de dilemas pelos quais passam boa parte das principais personagens de sua obra — seja no problema moral-filosófico

que Raskólnikov suscita ao reivindicar sua própria liberdade em Crime e Castigo; seja no poder corrosivo do luciferiano Stavrògin, ou na licitude infinita, inclusive para o suicídio, de Kirillov em Os Demônios. (JUVENTINO, O Grande Russo Também era Nihilista: Dostoiévski à luz de Nietzsche, 2015, p.83)

A história gira em torno da família Karamázov, em que o patriarca, Fiodor Pavlóvitch é um homem que dedica toda a sua vida aos “prazeres do mundo”, age praticamente por instinto, pelo simples prazer de executar determinada ação que vem à cabeça. Fiódor Pavlóvitch é tido por todos que o conhecem como um piadista, homem que não leva nada a sério e não resiste em provocar gargalhadas, casa três vezes apenas para poder usufruir dos benefícios financeiros das mulheres que com ele se uniam em matrimônio. Assim também é o seu filho mais velho Dmitri Fiodoróvitch, reflexo do pai, mulherengo, homem que vê na vida mundana o sentido de tudo; “Mítia é alguém que parece não ser capaz de sustentar nada, ele é a espontaneidade sensorial a toda.” (Pondé, 2013, Crítica e Profecia a filosofia da Religião em Dostoiévski). Dmitri é talvez aquele que melhor representa a natureza do homem comum, antagônico a si mesmo, confuso ao mesmo tempo que pode ser tão claro em sua personalidade.

Mas a personagem em quem mais tipicamente se unem, em antinômica polaridade, os dois contrários, e que assim realiza, com maior evidência, a trágica situação do homem como sede da luta entre bem e mal, é Dmitri Karamázov. Ele representa aquela “estupefaciente mistura de bem e mal” que o torna “um espírito amplo, à Karamázov, largo, vasto, como a nossa amada Rússia”, “um espírito capaz de reunir em si todos os contrastes possíveis e de, ao mesmo tempo, contemplar os dois abismos, o abismo acima de nós, isto é, o dos ideais supremos, e o abismo abaixo de nós, isto é, o da mais abjeta e fétida degradação”, o que o faz ser, conjuntamente, “sinceramente generoso e, do mesmo modo, sinceramente vil”. Aliocha o considera “um homem quase violento e arrastado pelas paixões, mas também nobre, altivo, generoso, pronto até para sacrificar-se, se alguém lhe pedisse um sacrifício”. Ele é colérico, violento, brutal, a ponto de golpear o velho empregado doméstico, mas possui um sentido inato da nobreza e da generosidade, pelo qual sofre remorsos abrasadores. Odeia o pai e poderia tê-lo matado, contudo afirma que foi um “anjo” quem lhe deteve a mão. Libertino, dissoluto, depravado, sensual, capaz de qualquer ultraje, respeita Catierina Ivanóvna, sem abusa da situação aforável. Compraz-se até o aviltamento e a altodenigração na própria baixaza, mas tem um senso nitidíssimo da honestidade, do amor ao bem, da dignidade pessoal. “Eu era um viciado, mas amava o bem”; acusa-se sinceramente pelas culpas cometidas, porém, não menos sinceramente, repele a responsabilidade pelo mal não cometido: “Reconheço-me culpado de embriaguez e de excessos, de preguiça e de desregramento. Queria tornar-me um homem honesto para sempre, justamente no momento em que o destino me golpeou. Mas da morte do velho, que era meu pai e inimigo, eu não sou culpado”. Está pronto para reconhecer, com sincera humildade, a sua depravação, mas orgulha-se pela alegria que experimentou quando soube deter sua própria sensualidade e não abusar de Catierina, mesmo podendo tê-lo feito. (PAREYSON, 2012, Dostoiévski Filosofia, Romance e Experiência Religiosa, p.90)

O segundo filho de Fiódor é Ivan, aquele a quem podemos atribuir título de filósofo da narrativa, dono dos mais provocadores monólogos e que nos oferece reflexões nunca antes pensadas sobre a vida. É dele o tão famoso questionamento sobre a existência ou não de Deus e da eternidade, colocando em debate se tudo seria permitido em um mundo que nada disso fosse mais motivo de crença.

O terceiro filho se faz presente neste momento, até mesmo por necessidade, por este ser uma espécie de antagonista de Ivan, Aliocha, o mais novo entre seus irmãos, dedica parte de sua vida a um mosteiro e lá constrói sua fé que vira objeto de escárnio por parte de Ivan em boa parte da narrativa, em que Ivan pode colocar sobre o irmão toda a sua raiva da religião e seus motivos para não crer em uma divindade.

Sendo Deus enquanto instituição fincada na igreja para Ivan uma espécie de barreira psíquica e principalmente moral que nos impede de fazer o que queremos, ele nos propõe a principal provocação do livro.

Quando a humanidade, sem exceção, tiver renegado Deus (e creio que essa era virá), então cairá por si só, sem antropofagia, toda a velha concepção de mundo e, principalmente, toda a velha moral, e começara o inteiramente novo. Os homens se juntarão para tomar da vida tudo o que ela pode dar, mas visando unicamente à felicidade e à alegria neste mundo. O homem alcançará sua grandeza imbuindo-se do espírito de uma divina e titânica altivez, e surgirá o homem-deus. Vencendo, a cada hora, com sua vontade e ciência, uma natureza já sem limites, o homem sentirá assim e a cada hora um gozo tão elevado que este lhe substituirá todas as antigas esperanças no gozo celestial. Cada um saberá que é plenamente mortal, não tem ressurreição, e aceitará a morte com altivez e tranquilidade, como um deus. Por altivez compreenderá que não há razão para reclamar de que a vida é um instante, e amará seu irmão já sem esperar qualquer recompensa. O amor satisfará apenas um instante da vida, mas a simples consciência de sua fugacidade reforçará a chama desse amor tanto quanto ela antes se dissipava na esperança de um amor além-túmulo e infinito. (DOSTOIEVSKI, Os Irmãos Karamázov, 1880, p. 353)

Questionar-se acerca da existência de Deus é conseqüentemente analisar um possível futuro em que as regras de uma sociedade fincada na moral cristã não teriam limites e coisas como o parricídio, tema transversal da obra, poderiam se tornar algo comum pois não existiria algo para mediar o cotidiano.

3.1 A Revolta

Assim, o dilema se torna algo inevitável, aquilo que Luigi Pareyson chamou de “o sofrimento inútil e o fracasso da criação”, e como analogia para fundamentar essa colocação de Pareyson, Ivan nos dá um exemplo que remonta a teologia cristã desde os seus primeiros dias, o pecado como uma forma inútil de punição futura.

Na narrativa Aliócha estava à procura de Ivan nas ruas da cidade até que o encontra almoçando em um bar, ao chegar ao local Ivan confronta a fé do irmão com histórias que ele diz colecionar há algum tempo, e que o faz não entender o porque de alguns carregarem em suas costas um pecado pelo qual não tiveram culpa alguma. Como principal exemplo Ivan usa as crianças, pois para ele seres que nunca sequer tiveram a oportunidade de praticar um mal verdadeiro não poderiam pagar por algo que por muitas vezes pode ser tão cruel. Os adultos até se poderia imaginar, pois tiveram tempo de cometer atrocidades inimagináveis, mas as crianças nem imaginação para isso teriam. Assim, aquelas que pagam até mesmo com suas próprias vidas seriam injustiçadas por uma possível divindade, que por sua vez deveria fazer com que aqueles que maltratassem as crianças pagassem em vida, e nunca em um pós-morte por todo o mal cometido, justiça aqui seria algo mais próximo à vingança de igual tamanho de crueldade, pois ver aquele que praticou o malsofrendo seria a única forma de redenção possível.

Eu não sofri para estrumar com meu ser, meus crimes e minhas lágrimas a futura harmonia de não sei quem. Quero ver com meus próprios olhos o gamo deitar-se ao lado do leão e o degolado levantar-se e abraçar seu assassino. Quero estar presente quando todos subitamente souberem para que tudo isso aconteceu. Sobre essa vontade fundam-se todas as religiões na terra, e eu creio. (DOSTOIÉVSKI, Os Irmãos Karamázov, 2008, p.338)

Aceitar Deus, ao custo de repugnar toda a sua obra, ou, caso triunfe a realidade absurda do mundo, a existência de Deus é que tem que ser posta em cheque, neste momento encontramos tanto um niilismo passivo quanto negativo, ou seja, negar a Deus e aceitar o mundo assim como é, ou afirmar Deus e negar o mundo.

A concepção filosófica de Dostoiévski não é otimista, porque não minimiza a realidade do mal: na verdade, ela é trágica, porque, mesmo afirmando a insubsistência ontológica do mal e a vitória final do bem sobre ele, coloca, todavia, a vida do homem sob a insígnia de luta entre bem e mal, a ponto de não restar ao homem outro caminho para o bem a não ser uma dolorosa e sofrida passagem através do mal. (PAREYSON, 2012, Dostoiévski Filosofia, Romance e Experiência Religiosa)

Dostoiévski nitidamente tinha um certo apreço por aqueles que ele costumava chamar de “Humilhados e Ofendidos”, também título de uma de suas obras. Seja Raskolnikov em *Crime e Castigo* buscando a afirmação enquanto extraordinário, seja o homem do subsolo amargo, isolado e sem nome, ou Aliócha Karamázov sendo tentado a todo instante a renovar a sua fé, todos eles e muitos outros tiveram que sofrer, pois só assim se alcançaria a redenção. O sofrimento é a única forma de ter contato com o transcendente, Aliócha objetificaria este conceito, sendo ele aquele que mais teve que abdicar para na conclusão do livro estar feliz em meio às crianças.

A vida é sofrimento, não se chega à verdade, ao bem, ao hosana, a não ser através do “crisol da dúvida”, do risco do erro, do perigo da liberdade, da vitória sobre o mal; o mal é desejo de aniquilamento e vontade de destruição, o mal não tem uma subsistência própria, mas está destinado à submissão final ao bem. Mas esses mesmos princípios encontram-se alterados pela escansão necessária da dialética, pela qual o mal é “necessário ao bem inevitável, ao movimento da vida, ao progresso do espírito humano. O diabo, constringido a operar por dever de ofício e pela sua posição social, o demônio, reduzido a “termo negativo indispensável”, a negação sob comando e a irracionalidade sob encomenda, a tragédia, transformada em comédia: eis a dialética da razão e da necessidade. (PAREYSON, 2012, Dostoiévski Filosofia, Romance e Experiência Religiosa)

Neste sentido, a conversa em que Ivan expõe para Aliócha os relatos que segundo ele justificaria a inexistência de uma divindade seriam algo como uma má interpretação do irmão do meio da própria vida, afinal as coisas têm que ser assim, pois só dessa forma à divindade é possível e crer nela, conseqüentemente.

A benevolência e a caridade com os malvados e criminosos não se realiza por uma artificiosa diminuição da sua responsabilidade, mas pelo perdão cristão, pela consciência de que todos somos igualmente pecadores, culpados e responsáveis, não só pelas nossas culpas, mas também pelas dos outros, pela consciência de que os criminosos, mais do que malvados, são desgraçados e infelizes, mais do que teatro da luta entre bem e mal, entre Deus e Satanás, eles podem ser a sede daquele misterioso processo

de regeneração e resnascimento, pelo qual o crime, tornando-se castigo, leva a ressurreição, a culpa, tornando-se sofrimento, leva ao resgate, o mal, tornando-se dor, lava à redenção. (PAREYSON, 2012, Dostoiévski Filosofia, Romance e Experiência Religiosa)

O Sofrimento para Dostoiévski não é apenas uma forma de punição, mas essencialmente uma consequência por sermos pecadores, injustos e maus por definição. Dessa forma ele se apresenta como uma espécie de purificação que a humanidade tem ao seu dispor, regenerando e nos colocando mais perto de Deus. O sofrimento é condição humana na existência, é fator preponderante que caracteriza o homem enquanto tal.

Primeiramente, a dor é, para Dostoiévski, o autêntico patrimônio da humanidade: não há um só homem nem um povo inteiro que não sofra. Um destino de sofrimento pesa inexoravelmente sobre a humanidade. Esse é o princípio fundamental que Dostoiévski professa, sem nenhum vestígio de dor febril. (PAREYSON, 2012, Dostoiévski Filosofia, Romance e Experiência Religiosa)

Dostoiévski acreditava no sofrimento não como afirmação do mal no mundo, pelo contrário, o mal na sua concepção não existiria enquanto conceito ontológico, mas como um movimento de passagem obrigatório para que através da dor se possa alcançar o bem. A grande questão não é afirmar que Dostoiévski colocou que a única forma de se chegar à salvação fosse através do sofrimento, mas ele viu que aqueles que sofrente têm o privilégio de atingir o bem com menos dificuldade.

Dostoiévski não é nem um otimista nem um maniqueu, quando ele diz que só o bem existe, que o mal não possui uma realidade propriamente dita e está destinado a ser vencido pelo bem, nem por isso deve ser considerado um otimista, que negue a triste presença e a tétrica influência do mal na vida do homem. Doutra parte, quando ele diz que Deus é a vida e a vida é a aspiração ao acabamento, enquanto Satanás é a morte e a sede de destruição, que Deus é o valor, enquanto Satanás é a negação, não quer, por isso, falar de dois princípios opostos e equipolentes, que lutam entre si sem que um possa ter a supremacia sobre o outro. A concepção filosófica de Dostoiévski não é otimista, porque não minimiza a realidade do mal, nem é pessimista, porque não afirma a insuperabilidade do mal: na verdade, ela é trágica, porque, mesmo afirmando a insubsistência ontológica do mal e a vitória final do bem sobre ele, coloca, todavia, a vida do homem sob a insígnia da luta entre bem e mal, a ponto de não restar ao homem outro caminho para o bem a não ser uma dolorosa e sofrida passagem através do mal. (PAREYSON, 2012, Dostoiévski Filosofia, Romance e Experiência Religiosa, p.73)

3.2 O Grande Inquisidor

Em consequência a revolta proposta por Ivan acerca daqueles que sofrem desnecessariamente por pecados injustos temos “O Grande Inquisidor”, capítulo pós A Revolta, em que o próprio Ivan apresenta a Aliócha um poema que escrevera, ou pelo menos idealizou tempos atrás, em que ele narra a ressurreição de Cristo em tempos de inquisição espanhola. No poema Cristo aparece de forma silenciosa, não emitindo uma palavra sequer, mesmo assim todos o reconhecem, de alguma forma sabem quem ele é. Assim, o inquisidor caminhava em meio à multidão e avista toda aquela aglomeração e também o reconhece, de imediato manda detê-lo e o leva para uma masmorra para interrogatório.

És tu?” Tu?. Mas, sem receber resposta, acrescenta rapidamente: “Não respondas, cala-te. Ademais, que poderias dizer? Sei perfeitamente o que irás dizer. Aliás, não tens nem direito de acrescentar nada ao que já tinhas dito. Por que vieste nos atrapalhar? Pois vieste nos atrapalhar e tu mesmo o sabes. Mas sabes o que vai acontecer amanhã? Não sei quem és e nem quero saber: és Ele ou apenas a semelhança d’Ele, mas amanhã mesmo eu te julgo e te queimo na fogueira como o mais perverso dos hereges, e aquele mesmo povo que hoje te beijou os pés, amanhã, ao meu primeiro sinal, se precipitará a trazer carvão para tua fogueira, sabias? É, é possível que o saibas” – acrescentou compenetrado em pensamentos, sem desviar um instante o olhar do seu prisioneiro. (DOSTOIÉVSKI, 2008, Os Irmãos Karamázov)

Aqui, Ivan faz uma nítida denúncia acerca daquilo que podemos chamar de fracasso da redenção, ora, se Deus não é eficiente na criação, não poderia ser no que diz respeito à redenção, já que todo o sofrimento ao invés de dar ao homem uma recompensa divina, só serviria para intensificar uma dor inútil queo colocaria sobre os ombros da liberdade.

Não eras tu que dizias com frequência naquele tempo: ‘Quero fazê- los livres’? Pois bem, acabaste de ver esses homens ‘livres’ -, acrescenta de súbito o velho com um risinho ponderado. – Sim, essa questão nos custou caro – continua ele, fitando-O severamente -, mas finalmente concluímos esse caso em teu nome. Durante quinze séculos nós nos torturamos com essa liberdade, mas agora isso está terminado, e solidamente terminado. Não acreditas que está solidamente terminado? Olhas com docilidade para mim e não me concedes sequer a indignação? Contudo, fica sabendo que hoje, e precisamente hoje, essas pessoas estão mais convictas do que nunca de que são plenamente livres, e, entretanto elas mesmas nos trouxeram sua liberdade e a colocaram obedientemente a nossos pés. Mas isto fomos nós que fizemos; era isso, era esse tipo de liberdade que querias?”. (DOSTOIÉVSKI, 2008, Os Irmãos Karamázov)

Assim, sendo uma consequência daquilo que podemos chamar de uma teodiceia do sofrimento inútil, a não existência de Deus, somada a representatividade de Cristo, enquanto a liberdade personificada, o resultado seria um niilismo integral, que segundo Luigi Pareyson, pela primeira via negao teísmo, e, pela segunda, o cristianismo, sendo esta uma negação do próprio sentido teológico da criação.

Nesta parte da narrativa Aliócha basicamente objetifica o próprio conceito de caridade, ele é aquele que abdica da felicidade, pois assim como Cristo dá a sua face para que batam mesmo tendo certeza que o irmão está errado, pois o ouve e não reage com palavras, mas apenas o beija, assim como Cristo faz com o seu algoz. Assim também o é no fim do livro, quando o personagem conclui a sua passagem pela narrativa em meio às crianças, metáfora lapidar. Sendo Aliócha o caçula ele se encaixaria perfeitamente às crianças, uma espécie de anjo, como é tratado boa parte da obra pelos outros personagens. Como diz Pondé em *Crítica e profecia A filosofia da Religião em Dostoiévski* ele é um “(...) termômetro do amor: murcha quando ele falta e cresce quando ele existe. A criança tem cheiro de Deus.”

Aliócha não responde à crítica que Ivan faz a Deus no plano intelectual, ele responde com um beijo, assim como cristo responde ao inquisidor com um beijo. E em que âmbito do nosso sistema racional da sociedade, hoje, há lugar para alguém desse tipo: alguém que não se defende, que não produz sua autoestima, que não se preocupa com seu direito à felicidade: Aí aparece o maximalismo da ortodoxia na obra de Dostoiévski. Quer dizer, Jesus Cristo ouve aquele horror de crítica, e ainda

ouve que é incompetente porque achou que o ser humano queria a liberdade. O ser humano não quer ser livre, e a maior prova disso é ele perseguir o tempo todo uma ideia que justifique a si mesmo: “eu estou indo bem”, “vai dar certo o que estou fazendo”, ou coisa que o valha. O ser humano está sempre abrindo mão da liberdade porque quer garantias, e o inquisidor é a garantia. Em outras palavras, o acalento da razão com as ideias que a tranquilizem pode fazer com que ela se transforme num inquisidor.

4 O PARRICÍDIO

Um quarto filho se apresenta à narrativa como uma espécie de justificativa da síntese do enredo, o parricídio. Smierdiakov não surge como filho propriamente dito de Fiódor Pavlovitch, mas como interpretação óbvia de um filho que ele tivera em um momento de devassidão, estuprando a “louca da cidade” como aposta feita com seus amigos. Logo, o nome do personagem não poderia ser outro, o prefixo *smierd* em russo significa literalmente merda. Assim, Smierdiakov não é um homem parido no mundo, mas defecado na existência.

Em primeiro lugar, o tema do parricídio liga-se ao fato de que Dostoiévski desejou a morte do pai e dela se sentiu culpado, com consequências que se tornaram objeto de um estudo, já clássico de Freud. O pai de Dostoiévski era um homem violento e brutal, “sentimental e cruel, ao mesmo tempo”, que espancava a mulher e que se dedicou à embriaguez depois de sua morte, que se enfurecia com seus servos e camponeses ao ponto de ser chamado, por isso, de “besta feroz” e odiado sem remissão. Dostoiévski, que dezesseis anos tinha ficado orfão de mãe, morta pela tísia, aos dezoito anos perdeu também o pai, encontrado barbaramente assassinado e despedaçado atrozmente numa estrada rural. A morte violenta do pai deve ter determinado em Dostoiévski, que a tinha desejado, um profundo e inconsciente remorso, se é verdade que, dois meses depois, só por ver um funeral, ele teve uma forte crise epilética. É a experiência vivida de um delito não cometido e, no entanto, expiado que se tornará o tema central de *Os Irmãos Karamázov*, em que os próprios títulos dos capítulos introduzem o pai, “velho bufão”, nesta perspectiva: “mas, para que vive um homem como esse?” De resto, Dostoiévski teve ocasião de escrever: “Os grandes epiléticos são inclinados a uma mórbida e constante autoacusação: são torturados pela sua culpabilidade, pelos seus remorsos, frequentemente sem razão. Exageram e até inventam para si mesmos frequentemente sem razão. Exagem e até inventam para si mesmos obrigações e delitos. (PAREYSON, 2012, Dostoiévski Filosofia, Romance e Experiência Religiosa, p.21)

É Smierdiakov, através do incentivo dado por Ivan que comete o parricídio. Dizer que se Deus não existe, logo tudo é permitido é dar mecanicamente ao irmão bastardo o fundamento do assassinato.

Em *Os Irmãos Karamázov*, a figura por excelência que praticamente não tem mais alma é Smierdiakov, o filho bastardo. É ele quem, na realidade, mata o pai, porém do ponto de vista mecânico, pois de alguma forma todos estão envolvidos no parricídio. (Pondé, 2013, Crítica e Profecia a filosofia da Religião em Dostoiévski)

O parricídio não é para Dostoiévski “apenas” o assassinato de um pai que no final das contas merecia morrer diante da sua ordinariedade, diria Raskolnikov em *Crime e Castigo*, mas essencialmente a morte da lei e da tradição. É enterrar aquele

que representaria tudo aquilo que veio antes e teria como tarefa primordial a ordem. Os valores são aqui fator preponderante. A ruptura pressupõe o totalmente novo e este não deve existir por ser por definição algo impossível. Determinada coisa só existe por ser consequência de algo que veio antes, assim é a história, a filosofia e nós mesmos.

É o que Dostoiévski está indicando com o parricídio: a morte da tradição. Ele tem uma consciência muito clara de que, com a perda da tradição, algo gigantesco se perdeu e, quando se perde a tradição, o que resta é uma produção contínua do novo. (Pondé, 2013, Crítica e Profecia a filosofia da Religião em Dostoiévski).

Neste sentido, a função de Smerdiákov se torna algo fundamental, não poderia ser outro aquele que cometeria o ato. Apenas o rejeitado e totalmente excluído poderia causar a ruptura, pois ele representa a própria ruptura, sendo um indivíduo que desde os seus primeiros dias objetifica a ideia de inexistência, ou pelo menos de ser apagado da história e utilizado como ferramenta para se alcançar o totalmente novo, sem amarras ou muletas de referências passadas.

Não há dúvida de que o subconsciente e mesmo a consciência desse gigantesco criador sempre estiveram carregados de um pesado sentimento de culpa, o sentimento da delinquência – e que esse sentimento não foi de modo nenhum apenas do tipo hipocondríaco. Tinha a ver com sua doença, que era a doença “sagrada”, sobretudo a doença mística – a epilepsia. Sofria dela desde jovem, mas a doença se agravou de forma fatal quando do processo por conspiração política movido arbitrariamente contra ele em 1849, aos vinte e oito anos, e diante do choque da sentença de morte (...) – experiências que, em sua opinião, só podiam terminar com a exaustão de suas forças espirituais e físicas, com a morte ou a loucura. As crises ocorriam em medida uma vez por mês, mas também com mais frequência, chegando a duas vezes por semana. Ele as descreveu muitas vezes, em relatos diretos ou transferindo a modestia para figuras psicologicamente privilegiadas de seus romances, o terrível Smerdiakov (um dos Irmãos Karamázov), o príncipe Míchkin, herói de O Idiota, o niilista e extático Kirilov de Os Demônios. Segundo a sua narrativa, a “doença das quedas” tem duas características: o sentimento incomparável de êxtase, a iluminação interior, a harmonia, o gozo extremo que por alguns instantes prenuncia o grito desarticulado, já não mais humano, e a convulsão – e o estado de terrível depressão e tristeza profunda, a devastação do espírito e o abandono que se seguem. Esta reação me parece ainda mais definidora da natureza da doença do que o êxtase é descrito por Dostoiévski como sendo de tal modo intenso e doce que “pela bênção daqueles poucos segundos poderíamos sacrificar anos da vida ou mesmo a vida inteira”. Mas a ressaca extrema que se segue, segundo o relato do grande doente, fazia com que ele se “sentisse como um criminoso”, parecendo-lhe que carregava uma culpa desconhecida, um grave e abominável ato. (MANN, O Escritor e sua missão, 2011, p.81)

5 CONCLUSÃO

Através de uma leitura mais minuciosa de Nietzsche e Dostoiévski fica bastante claro que aquilo que um escreveu repercutiu no pensamento do outro. Mesmo Nietzsche classificando Dostoiévski como um dos decadentes de seu século e eles não terem se encontrado em nenhum momento, a influência é inegável.

Apesar de niilista, como classificado por Nietzsche, Dostoiévski sempre foi um homem contrário à igreja enquanto instituição tinha a crença em Deus como único norteador de sua vida. Sendo estes fatores de extrema importância para o escritor,

pois niilismo e religiosidade são contrastes de uma mesma vida que torna ambos os fatores incompreensíveis se colocados de forma separada. Neste sentido, a grande questão colocada por Dostoiévski é que se a crença fincada na instituição essencialmente ortodoxa tende ao niilismo, logo esta ortodoxia deve ser revista desde o início, retirando do meio do caminho toda a “contaminação” que todos os séculos de tradição forjaram. Ser cristão estava para muito além de tudo o que nos foi proposto.

Tentar retirar uma opinião concisa do escritor russo de seus escritos é algo inimaginável, pois mesmo discordando de algumas opiniões e emissores destas, ele não abria mão de dar-lhes voz em suas histórias, e essa é a característica fundamental da polifonia nos romances de Dostoiévski, a multiplicidade de pensamentos e consciências que se dizem ao mesmo tempo e que não são caladas apenas porque o autor discordaria delas, mas só em último caso por aporia. E neste sentido se torna tão complicado quanto indentificar o que seria uma convicção dele ou apenas um recurso literário de sua preferência. O que se sabe é que de certa forma todos os personagens de alguma maneira também eram um pouco Dostoiévski, seja em características físicas, de personalidade, moral, política, etc... Dostoiévski era tudo isso e ao mesmo tempo conseguia não ser nada disso, sendo ele uma pessoa impossível de enquadrar em moldes já pré-estabelecidos. Revoltado quando necessário, mas também ponderado quando solicitado, o escritor russo se apresentava como alguém indecifrável, mas mesmo assim extremamente convicto de seus passos. Neste sentido, *Os Irmãos Karamázov* é uma obra

singular para o entendimento dos dramas humanos, das dores do mundo e das concupiscências da carne, nos levando a crer em Nietzsche quando classifica Dostoiévski como uma espécie de psicólogo.

Por fim, Dostoiévski se apresenta para nós não só como um romancista, mas também como um grande pensador, não só de seu tempo, mas para toda a história, com contribuições que contemplam não só a literatura, mas a religião, a sociedade que está inserido, economia, filosofia, etc. Dostoiévski está para muito além de uma simples cartilha acadêmica que diz o que é filosofia ou não, ele é atemporal e conseqüentemente objeto de estudo necessário para todos.

O centro da filosofia de Dostoiévski consiste no conceber a experiência da liberdade como a experiência mais profunda do homem, condição de todas as outras. O que é verdadeiramente necessário e indispensável para realizar o bem e conseguir a salvação não é a experiência do mal, mas a experiência da liberdade. E, por liberdade, deve-se entender a liberdade primária, isto é, a liberdade de escolher entre o bem e o mal, a liberdade de escolher entre a rebelião e a obediência, a liberdade de recusar ou de reconhecer o princípio do ser e do bem. Por certo não se pode dizer que quem alcançou o bem, a verdade, a salvação, não seja livre, pois antes ele verdadeiramente realizou a liberdade, no sentido de que cumpriu aquele processo de libertação em que consiste a realização da virtude como eliminação da escravidão do pecado. Mas esta é a liberdade no bem, que não seria tal se não fosse precedida e condicionada pela liberdade do bem, ou seja, pela liberdade de escolher livremente o bem de preferência ao mal. Mas justamente nisto consiste a tragédia da liberdade: que o bem não é verdadeiramente tal se é imposto ou se é necessário. O bem se constitui como tal pela possibilidade de acolhê-lo ou de recusá-lo: o bem imposto é negado como tal. A liberdade não é o bem: a liberdade é liberdade. Confundi-la com o bem significa tornar o bem objeto e resultado de imposição, efeito e emanção da necessidade; mas, então, isso não é mais bem, antes, é mal. (PAREYSON, 2012, Dostoiévski Filosofia, Romance e Experiência Religiosa, p.134)

Mesmo contrariando a argumentação imposta por boa parte da classe intelectual de pensamento centradamente conservador em valores acadêmicos ultrapassados, Dostoiévski pode sim ser lido enquanto filósofo, filósofo do niilismo, da dualidade, da natureza humana, do bem e do mal. Dostoiévski representa a transformação dos conceitos em problemas palatáveis a qualquer um que se predisponha a entender a si mesmo e toda a sociedade a sua volta, estando você na Rússia ou em qualquer outra parte do mundo. É evidente que ele mirou no homem europeu de sua época, mas atingiu os seres humanos de sempre, em qualquer parte do mundo. Todo indivíduo que sente a vida tem em si a essência dostoiévskiana descrita em livros que nunca foram os nossos, mas sempre falaram sobre cada um de nós.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Livro de Jó. 2:15

DOSTOIÉVSKI, Fiódor . **Os Irmãos Karamázov**. Editora 34, 2008.

JUVENTINO, Rodrigo. **O Grande Russo Também Era Niilista: Dostoiévski à Luz de Nietzsche**. 2015.

NIETZSCHE, Friedrich . **Assim Falava Zaratusta**. Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Companhia de Bolso, 2012.
. Assim Falava Zaratustra. Companhia das Letras, 2011.

PAREYSON, Luigi. **Dostoiévski: Filosofia, Romance e Experiência Religiosa**. Edusp, 2012.

PONDÉ, Luiz Felipe . **Crítica e Profecia: A Filosofia da Religião em Dostoiévski**. Leya, 2013.

TURGUINIÉV, Ivan. **Pais e Filhos**. Abril, 1971.

MANN, Thomas. **O Escritor e sua missão**. Zahar, 2011.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe que sempre foi minha única família, por ter me ajudado durante toda a graduação. Também agradeço as orientações do professor Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães, ao núcleo de pesquisa Literasofia coordenado pelo professor Antonio Carlos e ao departamento de filosofia da Universidade Estadual da Paraíba. Também sou imensamente grato ao professor Dr. José Nilton Conserva de Arruda por ter me orientado no primeiro artigo que escrevi, onde pude dar início a pesquisa que culminou neste momento. Agradeço aos meus grandes amigos Carlos Felipe, José da Mata e Deisy por terem acompanhado os meus passos na academia desde o começo, sempre me apoiando e ajudando em minha pesquisa. Também agradeço ao Centro Acadêmico Itan Pereira pela experiência e aprendizado durante o ano de gestão e a todos os meus colegas que compartilharam desse momento comigo, o CAFIL – UEPB foi meu refúgio nos momentos de fuga. Por fim gostaria de agradecer a uma pessoa que me incentivou a concluir este trabalho, mesmo em alguns dos momentos mais angustiantes da minha curta existência: Alice, você chegou na hora certa. Obrigado a todos.